UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DEPARTAMENTO DE JORNALISMO CURSO DE JORNALISMO

LARISSA HELENA PEREIRA DE OLIVEIRA

UMA NARRATIVA FOTOBIOGRÁFICA DIANTE DO ALZHEIMER

Produto Jornalístico

MARIANA 2020

LARISSA HELENA PEREIRA DE OLIVEIRA

UMA NARRATIVA FOTOBIOGRÁFICA DIANTE DO ALZHEIMER

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Pinto Valle

MARIANA 2020

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

O48n Oliveira, Larissa Helena Pereira De .

Uma narrativa fotobiográfica diante do Alzheimer . [manuscrito] / Larissa Helena Pereira De Oliveira. - 2020.

60 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Flávio Pinto Valle.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Álbuns de fotografias. 2. Alzheimer, Doença de. 3. Celebrações em memória. 4. Fotografia na saúde pública. 5. Livro objeto. I. Valle, Flávio Pinto. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 77.044



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO REITORIA INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS E APLICADAS DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Larissa Helena Pereira de Oliveira

Uma narrativa fotobiográfica diante do Alzheimer

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 30 de outubro de 2020

Membros da banca

[Doutor] - Flávio Pinto Valle - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto) [Doutora] - Ana Carolina Lima Santos - (Universidade Federal de Ouro Preto) [Doutor] - Felipe Vieiro Kolinski Machado Mendonça - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Flávio Pinto Valle, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em



Documento assinado eletronicamente por Flavio Pinto Valle, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR, em 02/12/2020, às 10:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6°, § 1°, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php? acao=documento conferir&id orgao acesso externo=0, informando o código verificador 0110006 e o código CRC AF1B4466.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.009276/2020-01

SEI nº 0110006

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000

Telefone: - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por ser minha inspiração, alicerce e dona do melhor abraço.

Ao meu pai, pela confiança, apoio as minhas escolhas, por todos os registros fotográficos já feitos e por ter me dado a sua câmera fotográfica.

Às minhas irmãs Amanda e Livia, pela infância compartilhada. "Ponta", "Eu falei primeiro", "Vamos assistir Rei Leão?".

Aos meus familiares, em especial, minhas tias Daniela e Martha, que acreditaram na importância desse trabalho.

À cidade de Mariana, que me pegou no colo, acolheu e cuidou de mim como filha. As melhores histórias e lembranças moram lá, na cidade do *Peter Pan*.

À UFOP, pelo ensino público e de qualidade. Obrigada por ter me ensinado tanto e me permitido tornar quem sou hoje. Para sempre, a minha segunda casa.

Ao meu orientador, Flávio Valle, pela caminhada que fizemos juntos e pela troca de confiança, aprendizado e cuidado.

Aos professores do curso de Jornalismo, em especial, Adriano, André, Carol, Cláudio, Hila, Karina, Marcelo e Michelle, por toda atenção, generosidade e aulas memoráveis.

A todos(as) funcionários(as) do Icsa, em especial a Osmira, por toda paciência e dedicação.

Ao professor e amigo Ricardo Macêdo, quem me mostrou a potência da arte e me ensinou sobre as infinitas possibilidades da educação.

Ao Palacete, que dividiu essa caminhada comigo, lado a lado, Nayara Freitas, Miriã Bonifácio, Paula Koch e Wandeir Campos, por nossos momentos, rotinas e histórias.

A todos os amigos feitos enquanto estudante, que eu guardo do lado esquerdo e nas fotografias, Carol Coelho, Daniela Ebner, Débora Madeira, Deivid Oliveira, Gabriel Conbê, Guilherme Alves, Mariana Reis, Marina Lopes, Matheus Bragansa, Matheus Effgen e Pedro Otávio, por todo companheirismo, cerveja e amor.

Aqueles que me pegaram para dançar em 2019, apesar do frenesi, Ana Miranda, Carol Carvalho, Eduardo Viana, Fabio Frade, Ivan Vilela, Julia Lopes, Letícia Lopes, Rafael Santos, Rodrigo Gregório, Silmara Figueiras e Wallace Vertelo, juntos fomos capturados pelo afeto.

À Marthina de Castro, pela cumplicidade e por me ensinar a ver as paisagens que ardem os olhos.

À Lara Tiso, por pegar meus sentimentos e ilustrá-los nas páginas do livro objeto.

À família Olm, pelo espaço de escuta, sincronia e por darem vida a encadernação do produto, também guiadas pelo afeto e cuidado. Na mão de mulheres, sempre.

A todos os(as) atingidos(as) e os(as) amigos(as) de luta, em especial, Ana Elisa Novais, Carlos Paranhos, Isabella Walter, família Baduino, Fernanda Tropia, Flavio Ribeiro, Genival, Juçara Brittes, Lucas de Godoy, Luzia Queiroz, Maria Aparecida, Maria do Carmo, Marquinhos Muniz, Marlene, Mônica Quintão, Milton Sena, Olívia, Papagaio, Rafael Drumond, Rosária, Seu Zezinho, Seu Valdir, Silvany Diniz, Simone Silva, Teresinha Quintão, Thamira Bastos e Zé Barbosa, por me ensinarem a ouvir e contar histórias. Não vamos esquecer, nunca.

Finalmente, à minha avó Alice, tudo que foi feito aqui é pra você e por você.

Para minha avó Alice, quem me cativou através da memória e me ensinou a gostar de cebolinha na comida. . **RESUMO**

Partindo da criação de um livro objeto, este trabalho tem o objetivo de mostrar como a

comunicação se fortalece através da imagem. Consideramos a fotografía não apenas

como mero registro da realidade, mas mais do que isso, como vestígio de uma história

que está enterrada nos arquivos ou guardada nas caixas de sapato e que pode ser narrada

por meio de uma arqueologia visual. Para a execução do trabalho elaboramos um

processo curatorial de memórias pessoais e familiares que foram pensadas por meio do

método da fotobiografia, que segundo Fabiana Bruno (2009), é uma tentativa de

descobrir e desvendar – camada após camada, imagem após imagem – traços e vestígios

de emoções, sensibilidades e sentimentos da vida de uma pessoa. O produto final é

sustentado por alguns conceitos, tais como, velhice, doença de Alzheimer, memória e

comunicação. A realização desse trabalho foi guiada pelo caminho do afeto e o medo de

perder a comunicação com a minha avó.

objeto.

Palavras-chave: Alzheimer; Memória; Álbum de fotografia; Fotobiografia; Livro

ABSTRACT

Starting from the creation of an object book, this work aims to show how communication is strengthened through the image. We consider photography not only as a mere record of reality, but more than that, as a vestige of a story that is buried in the archives or kept in shoe boxes and that can be narrated through visual archeology. For the execution of the work, we elaborated a curatorial process of personal and family memories that were thought through the method of photobiography, which according to Fabiana Bruno (2009), is an attempt to discover and unveil - layer after layer, image after image - traces and traces of emotions, sensitivities and feelings in a person's life. The final product is supported by some concepts, such as old age, Alzheimer's disease, memory and communication. This work was guided by the path of affection and the fear of losing communication with my grandmother.

Keywords: Alzheimer's; Memory; Photo album; Photobiography; Object book.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Fotografías de datas comemorativas na casa da minha avó em 2002	16
FIGURA 2 - Fotografías em que minha avó aparece no ano de 2018 e 2019	17
FIGURA 3 - Fotografia da minha avó com o rádio, novembro de 2019	22
FIGURA 4 - Campanha sobre o Alzheimer de Domenico Liberti	25
FIGURA 5 - Anúncio publicitário sobre o Alzheimer em Lima, Peru.	26
FIGURA 6 - Retrato que simula um quebra-cabeça e trata sobre o reconhecimento facial nos doentes de Alzheimer.	27
FIGURA 7 - Edição especial da revista Líbero para os doentes de Alzheimer	28
FIGURA 8 - Projeto fotográfico sobre o alzheimer na Tia Grace	29
FIGURA 9 - Registro da Tia Grace por Suzan Falzone.	29
FIGURA 10: Registro do pai no início da doença.	30
FIGURA 11: Registro do pai com a doença já avançada.	30
FIGURA 12: Retratos dos doentes.	31
FIGURA 13: Fotografía da minha avó olhando um álbum de fotografía, fevereiro d 2020.	
FIGURA 14: Caixa de fotos	43
FIGURA 15: Montagem.	43
FIGURA 16: Álbum	44
FIGURA 17: Fotos 3x4.	45
FIGURA 18: Casamento dos meus pais.	46
FIGURA 19: Dias atuais.	46
FIGURA 20: Foto e legenda Folia de Reis.	47

FIGURA 21: Certidão de casamento	.47
FIGURA 22: Marcador de página.	.48
FIGURA 23: Marcador de página formato sanfona.	.48
FIGURA 24: Capa verde musgo	.49
FIGURA 25: Folha manchada com café	.49
FIGURA 26: Desenho cebolinha.	.50
FIGURA 27: Envelope com cartas.	.51
FIGURA 28: Vídeo chamada com a minha avó, mãe e tia, enfrentando a pandemia. Junho 2020.	

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Diferenças entre uma pessoa com demência e uma pessoa idosa.....12

SUMÁRIO

1. NTRODUÇÃO	12
2. VELHICE E ALZHEIMER	14
2.1 ALZHEIMER E A COMUNICAÇÃO	23
3. MEMÓRIA E FOTOGRAFIA	33
3.1 ÁLBUM DE FAMÍLIA COMO LIVRO OBJETO	35
3.2 FOTOBIOGRAFIA	39
4. CRIANDO UM ÁLBUM DE FOTOGRAFIA COMO LIVRO OBJ	JETO42
4.1 ESTRUTURA E MATERIALIDADE	44
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

1. INTRODUÇÃO

A idealização deste trabalho partiu de uma pergunta feita por minha mãe. Lembro dela sentada ao pé da cama enquanto olhávamos algumas fotografias antigas e então me indagou "como vamos fazer para que sua avó Alice lembre quem é você?". Isso ficou na minha cabeça por alguns dias, pensava que realmente tínhamos que fazer alguma coisa.

Minha avó foi diagnosticada com Alzheimer há quatro anos e desde então as coisas têm mudado, a rotina, os cuidados, o número de visitas em sua casa, a sua alimentação e principalmente toda a atenção dos filhos e netos com ela, que acabou sendo redobrada. Nesse cenário comecei a me atentar para a questão da memória. Não só a perda dela, como é o caso da minha vó, mas também a sua construção e permanência.

No início do curso quando estudei fotojornalismo o meu interesse por fotografía aguçou, é como se uma luz tivesse se acendido dentro da minha cabeça e tudo ligado a fotografía brilhava mais forte do que todo o resto. Com os estudos, entendi outros usos da fotografía, e fui atraída principalmente por sua função como arquivo fotográfico e como registro de uma memória. Boris Kossoy (2001) vai defender esse elo ao afirmar que "fotografía é memória e com ela se confunde" (KOSSOY, 2001, p. 156). Foi partindo dessa ligação, entre memória e fotografía, que este trabalho se estruturou.

Este memorial aborda o trajeto da criação do produto final do meu trabalho de conclusão do curso, um livro objeto. Constitui-se de uma narrativa visual a partir da história e dos momentos vividos por mim e minha família em relação à minha avó. Assim, esse memorial levanta questões e abre espaço para dúvidas, hesitações e sentimentos. Como por exemplo, falar sobre aquilo que está presente nos álbuns de fotografias tradicionais levando em conta o contexto social qual fazem parte, neste caso, as fotografias que encontrei nos álbuns que estão na casa dos meus pais - que tiveram o privilégio de ter uma câmera fotográfica naquela época, e sobretudo, construíram sua estética particular e íntima, por vezes, nostálgica. Há também aquilo que guardaram e ainda guardam como lembranças: convites de aniversário, o primeiro dente que caiu,

diplomas escolares, santinhos de igreja, cartas de natal, etc.

Diante disso, as pesquisas sobre a doença do Alzheimer, fotobiografia, álbum de família e livro objeto foram fundamentais para a construção do memorial de modo que esclarecessem e caracterizassem o produto. Organizamos este trabalho com uma proposta de linearidade para tais conceitos e conteúdos. Primeiro abordamos a questão da velhice e do Alzheimer, seguindo para o modo como a doença é representada na comunicação. Depois, a fotografia e a fotobiografia e, por fim, a elaboração do livro objeto.

Desse modo, a organização aqui exposta foi constituída para que ficasse claro o alicerce que há por trás do produto, o caminho percorrido e o propósito almejado. Guiado pela questão do afeto, o memorial reúne os artifícios que encontrei para não perder a comunicação com minha avó.

2. VELHICE E ALZHEIMER

ALZHEIMER

A minha mãe com 99 anos pergunta-me:
— Quem és tu?
E deu-me uma laranja e colocou-a em cima da minha mesa de cabeceira.

(Maria Azenha)

Antes de discutir a doença de Alzheimer, achamos necessário abordar sobre a velhice. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o período de 1975 a 2025 é considerado como a "Era do Envelhecimento", já que a população com 60 anos ou mais está crescendo mais rápido que todos os outros grupos etários mais jovens. O envelhecimento é um acontecimento inevitável na trajetória da vida humana. São muitas as pessoas que o temem e fogem, enquanto outras esperam ansiosamente como se fossem o apogeu de suas vidas.

No dicionário, ao procurar pela palavra velho, o que se encontra são significações como "muito idoso", "antigo" e "obsoleto". Já a palavra velhice é comumente definida como "estado ou condição de velho". Não se sabe comprovadamente quando é que se torna velho e por isso fica tão difícil atribuir ou caracterizar uma pessoa como velha, ou que ela esteja vivendo a velhice.

Existe também uma caracterização da velhice que parte das modificações que ela provoca na vida, levando em conta a parte social, psíquica e física de uma pessoa. Há quem empregue o significado da velhice ao próprio viver e a ter uma vida vivida, por exemplo, quando falam que uma pessoa bem vivida é alguém que já viajou o mundo todo, ou que teve muitos amores, ou um sucesso profissional, entre outros. Nesse sentido, Simone Beauvoir diz que, (1990): "o que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência" (BEAUVOIR, 1990, p. 97).

Em 2008, a jornalista Eliane Brum fez uma reportagem, chamada "A casa de velhos", publicada em seu livro *O Olho da Rua*, em que conta a vida dos internos de um asilo, da Casa São Luiz para Velhice, no Rio de Janeiro. A repórter se hospedou durante

uma semana nesta Casa para conseguir escrever sua reportagem. Com uma escrita sensível e humana, ela nos trouxe a forma de viver dos internos, suas limitações físicas, dependências, dificuldades, afetos, memórias, desejos, etc. Narra sobre como é alcançar a velhice e em determinado momento se dar conta que está somente esperando a morte.

Se o mundo é perigoso para todos, para os velhos torna-se campo minado. Cada buraco na calçada pode ser fatal. Cada degrau a mais, a promoção da bengala para a cadeira de rodas. Os pés cansados não são mais capazes de alcançar o ônibus onde a motorista bufa de impaciência "com esses velhos que não pagam e ainda atrasam a gente" (BRUM, 2008, p. 93).

Quando penso na velhice o que lembro de imediato são as pessoas próximas a mim, minha família – pais e avós. Com as lembranças presentes não só na minha memória, mas também nos álbuns de fotografias e filmagens, é fácil perceber essa progressão do envelhecer e como ele age. Noto as mudanças das feições, cor de cabelo, enrugar da pele e até o próprio modo de se posicionar para a foto.

Ao olhar um álbum da minha infância, observo atentamente as fotografias em que a avó Alice aparece. Os seus cabelos eram escuros e o sorriso estava sempre estampado, diferente de hoje em dia em que ao ser fotografada o que aparece são os seus cabelos pintados de cor clara para conseguir esconder os fios brancos, o sorriso tímido e olhar perdido. Além disso, há também uma vergonha frente a câmera muito perceptível e que tem se intensificado recentemente após a descoberta do Alzheimer.

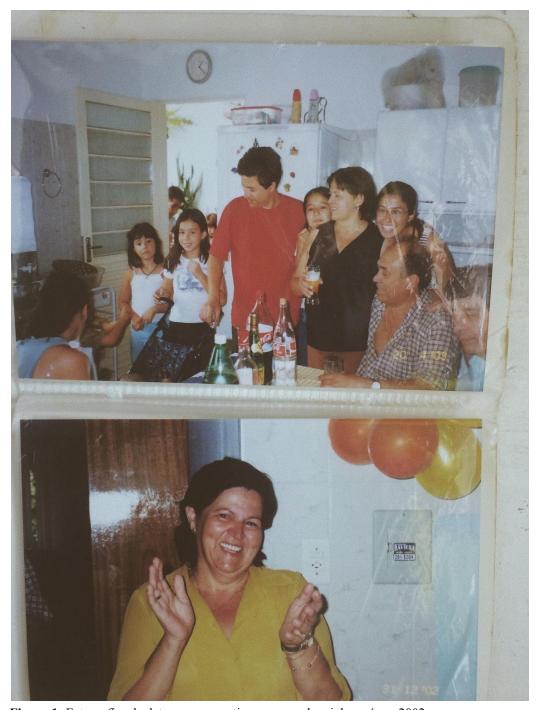


Figura 1: Fotografias de datas comemorativas na casa da minha avó em 2002. **Fonte:** Fotógrafo não identificado/ acervo pessoal

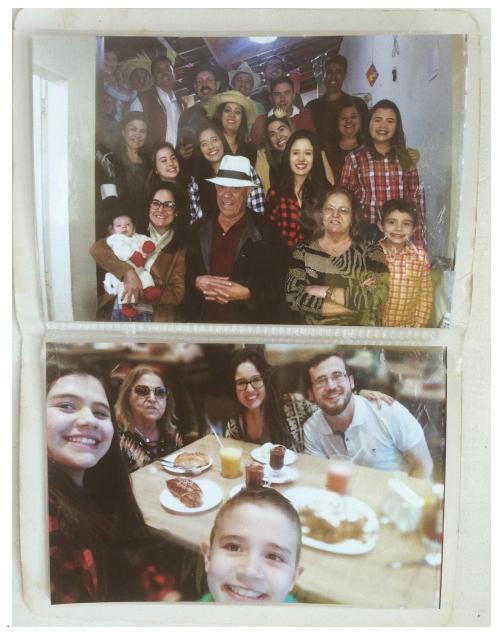


Figura 2: Fotografias em que minha avó aparece no ano de 2018 e 2019.

Fonte: Fotógrafo não identificado / acervo pessoal

Uma das capacidades cognitivas mais admiráveis no ser humano é a memória. Aqui, neste memorial, vamos pensar a memória como algo que nos remete ao passado, uma união de fragmentos e vestígios capazes de construir uma espécie de teia entre as pessoas, acontecimentos e lugares; a memória que atualiza uma lembrança. Segundo Marcel Proust (2016), em sua obra *Em busca do tempo perdido: No caminho de Swann*, ele diz que a memória existe fora de nós e está nas coisas, nos objetos, espaços, cheiros,

comemorações e lugares.

De acordo com o antropólogo Joël Candau (2011), um indivíduo sem memória se esvazia e perde sua capacidade conceitual e cognitiva, assim, há um certo desaparecimento da identidade que produz um pensamento. Quando jovens, conseguimos nos lembrar de toda a nossa vida, mas na idade adulta a nossa memória se torna uma coisa feita por retalhos e remendos. Julian Barnes (2012) em seu livro "O sentido de um fim", faz uma analogia da memória com a caixa preta de um avião. "...que os aviões carregam para registrar o que acontece num desastre. Se nada der errado, a fita se apaga sozinha. Então, se você se arrebenta, o motivo se torna óbvio". (BARNES, 2012, p. 115).

O principal sintoma da doença de Alzheimer é a perda da memória, ela acontece de forma gradual e persistente. Por exemplo, é normal uma pessoa ir até o quarto e se esquecer porque foi lá, ou esquecer em qual lugar deixou a carteira. Mas uma pessoa diagnosticada com Alzheimer pode perder a carteira e até mesmo esquecer que a tinha. No quadro a seguir, retirada do site da Associação Portuguesa de Familiares e Amigos dos Doentes de Alzheimer, há as diferenças da perda da memória entre uma pessoa diagnosticada com a doença e uma pessoa idosa.

Quadro 1: Diferenças entre uma pessoa com demência e uma pessoa idosa

Descrição	Pessoa com Demência	Pessoa Idosa
Eventos	Pode esquecer-se de parte ou da	A memória pode, por
	totalidade do evento	vezes, ser vaga
Palavras ou nomes		Pode esquecer-se de vez
para coisas ou	Esquece-se progressivamente	em quando; palavras ou
objetos		nomes
Instruções verbais	Aumento progressivo da	
e escritas	incapacidade para seguir	Consegue seguir
Enredo de	Perde progressivamente a	

histórias - TV,	capacidade para seguir	Consegue seguir
filmes e livros		
	À medida que o tempo passa	Embora demore mais
Informação	perde informação anteriormente	tempo a lembrar-se, a
armazenada	conhecida, tal como informação	informação permanece
	histórica ou política	essencialmente retida
Atividades de Vida		Retém a capacidade, a não
Diária, tais como	Perde progressivamente a	ser que esteja fisicamente
vestir-se ou	capacidade para executar as	incapacitada
cozinhar	tarefas	

Fonte: Associação Portuguesa de Familiares e Amigos dos Doentes de Alzheimer

A doença que não tem cura. Foi com essas palavras que minha mãe contou sobre o diagnóstico da minha avó. Demorei algum tempo para associar a informação com a figura dela. A mesma avó que faz o melhor feijão tropeiro que eu já comi em toda vida. A mesma avó que conta histórias da minha infância como se eu ainda fosse uma criança de cinco anos. A mesma avó que escuta sertanejo alto no rádio da cozinha. A mesma avó que usa salto alto e passa batom para ir no supermercado. A mesma avó que está lá, em todas as fotografías que tem em casa. A mesma avó, a Alice.

Ainda hoje, não se sabe a origem da doença de Alzheimer. Segundo dados da Associação Brasileira do Alzheimer (Abraz), a estimativa é que existam cerca de 35,6 milhões de pessoas com a doença no mundo e no Brasil, há cerca de 1,2 milhão de casos. Ainda de acordo com os dados da Abraz, a doença é uma enfermidade incurável que se agrava ao longo do tempo, uma demência progressiva e que quase todas as suas vítimas são pessoas idosas. O Alzheimer provoca a morte de células cerebrais e, por isso, a demência ou a perda das funções cognitivas como a memória e a linguagem. A doença recebe esse nome devido ao médico Alois Alzheimer, que foi o primeiro a falar sobre a doença no ano de 1906, depois de ter estudado o caso de uma paciente que perdeu a memória de modo progressivo e teve um distúrbio que a deixou incapaz de

cuidar de si mesma.

Hoje, o Alzheimer é dividido em três estágios. A fase inicial em que ocorre a perda da memória e a noção de tempo e espaço. A fase intermediária quando o doente começa a ter dificuldade para falar e demonstrar o que sente, precisando de ajuda nas tarefas do dia a dia. E por fim a fase terminal, quando o doente é incapaz de se reconhecer e de ficar sozinho. O nome "doença de Alzheimer" se desloca. Aparece não só em diagnósticos, mas também em notícias, experiências, estudos, relatos, literatura, arte e filmes. Se ouve na rua, o vizinho comenta, o amigo conhece alguém que tem. Não é à toa que ficou conhecida como o "mal do século" e atualmente gera grande preocupação.

Quando a vó Alice foi diagnosticada ela estava na fase inicial. Os pequenos acontecimentos do dia a dia eram esquecidos ou confundidos, os dias da semana eram sempre os mesmos e a vida das pessoas, próximas a ela, estavam paradas no tempo. Isso ainda acontece e tem se intensificado gradativamente. As vezes ela deixa a comida queimar pois esquece que estava cozinhando, pergunta a mesma coisa inúmeras vezes em intervalos de tempo pequenos, rega as plantas mais de uma vez ao dia, esconde o remédio que precisa ser tomado, seca a louça que estava molhada e guarda, por exemplo, prato no lugar de panela e vice versa. Esses são alguns exemplos dessa memória que tem falhado tanto.

Atualmente muitas pesquisas buscam encontrar o tratamento ideal para a doença. Segundo a Alzheimer's Association, a principal organização mundial de saúde voluntária para cuidado e pesquisa da doença de Alzheimer, estão em andamento dezenas de terapias e tratamentos farmacológicos com foco em impedir a morte das células cerebrais associadas ao Alzheimer. Além disso, a organização também defende sobre o uso de sistemas de apoio e intervenções não farmacológicas e que essas podem melhorar a qualidade de vida das pessoas portadoras da doença.

Um desses sistemas é a Arteterapia, o tratamento acontece sem o uso de remédio e se baseia na arte. Normalmente as práticas são em grupos e promovem uma melhora

na vida do paciente, pois através do uso da arte ele melhora seu modo de se expressar. As atividades são muitas, como pintura, desenho, colagem e música. Há uma exploração dos sentidos e o desenvolvimento da percepção visual e motora, além disso, o doente percebe que ainda é capaz de produzir algo. Segundo a Arterapeuta Cristiane Pomeranz (2017), a Arteterapia é uma forte intervenção sem medicamento e a favor das velhices vividas com o Alzheimer, essa conduta é capaz de tornar a doença mais tranquila e a vida, conturbada pela doença, possível de ser vivida.

Na Alemanha, o Instituto Max Plank de Neurociência realizou um estudo em 2015 com o uso da música e a sua ação no cérebro dos doentes. O resultado comprovou como a música é capaz de afetar positivamente os pacientes com a doença de Alzheimer, visto que, as memórias musicais do ser humano são armazenadas no cérebro em uma parte diferente de onde ficam as outras memórias. No tratamento são utilizadas músicas que o doente gosta e já possua uma determinada ligação emocional com ela, assim, há o estímulo de lembranças passadas, mudanças no humor e comportamento. De acordo com a musicoterapeuta Cléo Monteiro França (2010), o doente ao ouvir uma música familiar, consegue cantá-la e ainda falar sobre lembranças pessoais que estão associadas aquela canção.

Minha avó sempre ouviu muita música. Todos os dias, quando ela vai para a cozinha preparar o café, a primeira coisa que faz é ligar o rádio e só o desliga quando já anoiteceu. É normal ao estar perto dela ouvir exclamações sobre o quanto ela gosta de determinada música ou o quanto ela odeia tal cantor ou canção. Das inúmeras ações do dia a dia que mudaram com o surgimento do Alzheimer, essa foi uma que não se alterou. Ainda hoje o rádio é ligado pela manhã e ainda hoje ela associa as músicas com coisas da nossa vida pessoal. Por exemplo, ela diz que toda vez que escuta a música do Canarinho, do Chico Rey e Paraná, se lembra do meu pai e quando escuta alguma melodia do Renato Russo ou Clube da Esquina diz ser o tipo de música que o Alessandro, meu tio, costumava ouvir na época da faculdade.

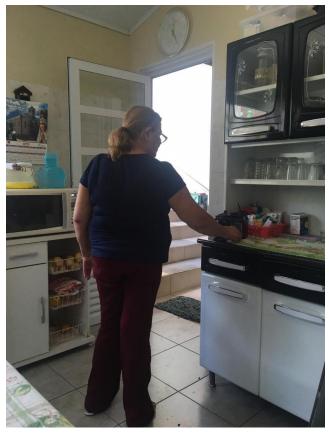


Figura 3: Fotografia da minha avó com o rádio, novembro de 2019 **Fonte:** Livia Oliveira (minha irmã)

Quando minha mãe me liga para contar sobre algo que a vó Alice aprontou, fico tentando entender o que ela sente e o que passa na cabeça dela para agir de determinada forma. Por que é que ela escondeu dinheiro dentro da fronha do travesseiro ou por que é que ela fica abrindo e fechando as gavetas ou por que é que ela diz que tem muitas coisas para fazer sendo que na verdade não tem é nada.

Fazendo uma busca na internet encontrei duas ações que tiveram como propósito provocar naqueles que não tem a doença a sensação semelhante dos diagnosticados com Alzheimer. Em 2012, uma associação de Israel chamada "EMDA Israeli Alzheimer Association" realizou uma ação no cinema. Aquelas pessoas que foram ao cinema para assistir a tal filme, foram surpreendidas pela exibição de um outro filme e não aquele escolhido para a sessão. Já nos primeiros minutos as pessoas se deram conta de que havia algo errado e ficaram confusas, desorientadas, movendo-se na cadeira e conversando entre si. Até que apareceu na tela a mensagem: "Não, você não errou a sala

de cinema. Está no filme certo. Só queríamos que você sentisse na pele a confusão e a desorientação sentida por mais de 100.000 pacientes de Alzheimer em Israel".

A outra ação aconteceu em 2015, na cidade de São Paulo, no lançamento do filme *Para Sempre Alice* (2015), que conta a história de uma mulher que descobre ter Alzheimer. Alguns voluntários da Abraz abordaram as pessoas, que estavam nas filas para comprar ingressos, como se já as conhecessem, diziam frases como "que bom te encontrar aqui, como está sua mãe?". As pessoas estranharam e ficaram confusas. No fim, os voluntários distribuíram um cartão que dizia: "Confuso? Você acaba de sentir o que é ter a doença de Alzheimer".

2.2 ALZHEIMER E A COMUNICAÇÃO

A Comunicação tem tentado cada vez mais estreitar seu laço ao que diz respeito à doença de Alzheimer. No início, quando descobri sobre a minha avó, fui pesquisar na internet o que realmente era essa doença. Logo me espantei com a quantidade de informações dispersas em sites, notícias, imagens, reportagens, vídeos, etc. São muitas vozes querendo falar sobre o assunto e muita gente querendo ouvir, cada dia mais. Um campo da Comunicação que tem explorado a doença de Alzheimer como tema é o cinema. Uma das produções mais conhecidas que aborda a doença é o filme *Longe dela* (2008) da Sarah Polley. A perda da memória vai aos poucos misturando as certezas do protagonista e ela opta por se internar numa clínica para evitar que o marido tenha a responsabilidade de cuidar dela. Uma das regras dessa clínica era a ausência de visitas nos primeiros 30 dias, e o espanto se dá quando finalmente o marido da personagem vai visitá-la e ela não o reconhece mais.

O que chama atenção nesse filme é sua montagem não linear, principalmente no início, remetendo à mente da protagonista, já confusa com os acontecimentos e sua memória. Outra característica do filme é que ele não usa de artefatos didáticos e literais, com as próprias expressões das personagens a mensagem é passada com sutileza.

Outro filme que merece ser lembrado aqui é o *Tudo que tivemos* (2019), da diretora Elizabeth Chomko. Na história, a filha viaja até a casa de seus pais após saber

que o quadro de doença de Alzheimer da sua mãe se agravou. No filme, há a discussão acerca da internação ou não da mãe e uma reflexão sobre a vida cíclica do ser humano, pensando no envelhecer e na morte. Uma narrativa cronológica que aparece de forma íntima e peculiar, mostrando os dramas daqueles que vivem com alguém que possui a doença.

Por fim, mas não menos importante, o conhecido *Para sempre Alice* (2015), dirigido por Richard Glatzer e Wash Westmoreland, que teve origem a partir do livro de Lisa Genova. O filme apresenta a história da Alice Howland, professora, casada e mãe de três filhos. Quando estava para completar 50 anos ela recebe o diagnóstico do Alzheimer. O primeiro sintoma foi o esquecimento de algumas palavras, depois dos lugares, objetos e até mesmo do caminho de casa. De forma geral, é angustiante acompanhar os esquecimentos da protagonista, mas, apesar disso, o filme nos mostra como um gesto carinhoso, um sorriso ou uma voz podem devolver uma lembrança ao doente, mesmo que seja por alguns instantes e ele não saiba quem é.

Há ainda outros tantos filmes que abordam a doença como temática, tais como o famoso Diário de uma Paixão (2004), baseado no romance do autor Nicholas Sparks; *A Separação* (2012), do diretor Asghar Farhadi; *Iris* (2001), de Richard Eyre; *A viagem do meu pai* (2016), de Philippe Le Guay; *O filho da noiva* (2002), de Juan José Campanella, entre tantos outros.

Pode-se observar, assim, como o cinema não têm deixado esse tema de lado. Os enredos que aparecem são diversos, não só dramáticos ou clichês. Os filmes, além de tudo, são uma boa estratégia de comunicação. Mesmo com seu lado ficcional, eles são capazes de informar o que é a doença, seus sintomas, tratamentos e também as dificuldades daqueles que cuidam.

Ainda no contexto de produções audiovisuais, em 2018 estreou um documentário em São Paulo, chamado *Alzheimer na Periferia*. Com direção de Albert Klinke, a história busca desmistificar o tratamento da doença de Alzheimer em famílias com condição de vulnerabilidade social. O documentário retrata o dia a dia de cinco

famílias que vivem na periferia e que convivem com a doença, mas não possuem recursos financeiros para tratá-la. Dessa forma, o filme caracteriza-se por mostrar de forma crua e sem filtros a rotina dos cuidadores e as batalhas que eles precisam enfrentar para garantir uma qualidade de vida melhor a esses doentes. Apesar da dureza e do escancaro da desigualdade social mostrada no documentário, ele ainda transpassa muita beleza e informação, como por exemplo, os serviços públicos que estão disponíveis para os doentes em todo o país.

Uma outra área da comunicação que também tem discutido o assunto é a publicidade. O designer gráfico italiano Domenico Liberti criou, em 2013, uma campanha com o nome "Faceless". A finalidade era arrecadar dinheiro para as pesquisas sobre a doença na Itália. O artista criou uma série de fotografias de família, editou no estilo "vintage" e apagou os rostos das pessoas registradas, com o objetivo de mostrar a sensação da perda da memória.



Figura 4: Campanha sobre o Alzheimer de Domenico Liberti.

Fonte: Domenico Liberti

Outra campanha publicitária que também provocou debate sobre o Alzheimer foi divulgada em 2014, na cidade de Lima, no Peru . A agência de publicidade *Yellow*

criou um anúncio para a associação de Alzheimer "Peruvian Association of Alzheimer's Disease and other Dementias (APEAD), onde mostrou como a memória dos doentes fica confusa e corrompida. Os cartazes aparecem com imagens de rostos embaralhados, que representam aqueles que cuidam dos doentes e junto uma mensagem que diz: "tão doloroso como esquecer é ser esquecido".

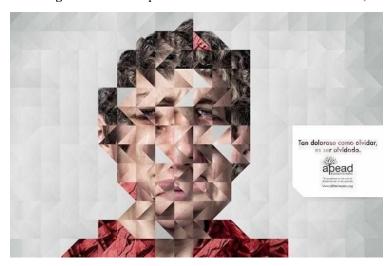


Figura 5: Anúncio publicitário sobre o Alzheimer em Lima, Peru.

Fonte: Agência Yellow

Semelhante a essa ideia, na Alemanha, o artista Wolfgang Schneider tentou mostrar o "através" dos olhos de um doente, pensando em como o reconhecimento facial desaparece com as memórias. Dessa maneira, Wolfgang criou diversos retratos que são irreconhecíveis, pois formam um quebra-cabeça insolúvel de memórias embaralhadas e que também remetem ao fato da memória ir embora de "pedacinho em pedacinho".

Figura 6: Retrato que simula um quebra-cabeça e trata sobre o reconhecimento facial nos doentes de Alzheimer.



Fonte: Agência Yellow

Por fim, uma campanha feita especialmente para aqueles diagnosticados com o Alzheimer e que se destacou por usar o futebol para expressar um pouco o que aqueles que sofrem com a doença sentem. A revista espanhola, Líbero, especializada em futebol, criou edições contendo notícias de décadas passadas e então as distribuiu nos centros de tratamento de Alzheimer, com o objetivo de estimular a memória dos doentes. Após o lançamento, a Líbero contou sobre como os idosos ficaram felizes ao verem as revistas e relembrarem de alguns ídolos e partidas marcantes.

Figura 7: Edição especial da revista Líbero para os doentes de Alzheimer.



Fonte: Líbero

Acrescentamos esse capítulo sobre a Comunicação justamente para entendermos como ela tem abordado o assunto. Ver um filme ou uma campanha publicitária não basta, sabemos, mas já é muito nesse caminho da conscientização do Alzheimer. Algumas pessoas da minha família ainda não sabem o que é a doença e nunca procuraram saber, outras não acreditam que ela realmente acontece e por isso ignoram o fato da minha avó estar doente. A esperança é que quando esse tema começar a se popularizar nos meios de comunicação de massa a situação quanto a conscientização mude.

Nos dias que fiquei pensando sobre a pergunta da minha mãe, "como vamos fazer para a vó Alice lembrar quem é você?", dita no início, as minhas referências estavam sempre imersas no campo da arte e da comunicação. Por uma pesquisa mais ligada a fotografía me deparei com alguns fotógrafos que abordam a doença como tema para ensaios fotográficos. Susan Falzone foi um deles, ela retratou a rotina da sua tia Grace, diagnosticada com Alzheimer. Para a fotógrafa, registrar a tia foi o modo que encontrou de passar mais tempo com ela e também de continuar comunicando sem



Figura 8: Projeto fotográfico sobre o alzheimer na Tia Grace

Fonte: Suzan Falzone



Figura 9: Registro da Tia Grace por Suzan Falzone

Fonte: Suzan Falzone

Um outro fotógrafo que usou a fotografía nessa mesma temática foi o britânico Mark Seymour. Após seu pai Ronnie ser diagnosticado com a doença, o modo que ele encontrou de lidar com a situação e eternizar os momentos ao lado do pai foi fotografando. Durante quatro anos o fotógrafo registrou a rotina do seu pai e as mudanças que ocorriam devido a doença. Após ele falecer, Mark criou uma exposição e circula em algumas galerias com o objetivo de expor e conscientizar a população sobre a doença.

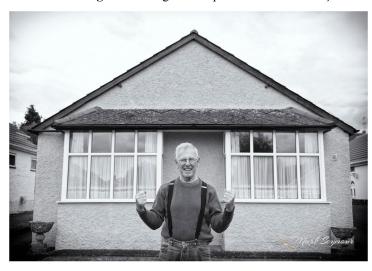


Figura 10: Registro do pai no início da doença.

Fonte: Mark Seymour



Figura 11: Registro do pai com a doença já avançada.

Fonte: Mark Seymour

Alex Ten Napel é um fotógrafo alemão que tem sua carreira artística voltada para as fotografías de retrato. Em 1996 ele começou a fotografar os diagnosticados com Alzheimer em um hospital para idosos na Alemanha. O objetivo do Alex era fugir do estereótipo que existe de idosos em asilos: camisolas, babadores e etc. Ele queria mostrar o que ainda vibrava quanto a sentimento dentro desses doentes e como eles não são diferentes de nós.



Figura 12: Retratos dos doentes.

Fonte: Alex Ten Napel

A fotografía nos permite ver o Alzheimer de outra forma e por outros ângulos. Quando observamos essas fotos é quase como se pudéssemos escutar, por exemplo, o que a tia Grace sente ou pensa. Olhamos as fotografías e desejamos conhecer as pessoas, ouvir suas histórias, saber qual sua música preferida e se ainda sabem pentear o cabelo ou cortar um tomate.

Memória e fotografía possuem uma relação própria e intrínseca, porque mesmo que tal lembrança pareça não existir mais, a fotografía como registro continua a existir e a carregar uma memória - gravada nesta fotografía. Como relata Boris Kossoy (2001):

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e portanto a perpetuação de um momento, em outras

palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. (KOSSOY, 2001, p. 155)

Partindo desse cenário, no próximo capítulo entraremos no campo do registro fotográfico, abordaremos o conceito de fotografia como memória, álbum de fotografia como livro de artista e fotobiografia.

3. MEMÓRIA E FOTOGRAFIA

JAZ

Teremos sempre
- de novo –
avós bisavós tios
mãe e pai
enquanto cultivarmos
nossos álbuns
de fotografias

(Ana Elisa Ribeiro)

A memória é a forma como nosso cérebro adquire e guarda informações, sendo essa considerada uma das funções mais complexas do ser humano. Quando pensamos em fotografia e tentamos defini-la, em algum momento a palavra memória vai surgir como uma característica. Talvez porque a fotografia se tornou um suporte de memória responsável pela sobrevivência de um tempo passado ou talvez porque ela é usada não só como artefato de memória, mas também como um objeto de significado memorial, denominando assim a materialidade da fotografía. Segundo Miriam Manini:

Este objeto que carrega um fato, coisa ou pessoa do passado – e cada clique tem seu passado imediatamente criado – insere-se instantaneamente na categoria de objeto de memória. Pessoas, grupos, sociedades, povos inteiros poderão reconhecer numa fotografia um referente aurático de sua própria história. Na fotografia doméstica, é a memória familiar; na fotografia do mundo do trabalho, é a memória institucional; no fotojornalismo, é a memória social e política; na fotografia documental, é a memória histórica. (MANINI, 2015, p. 5)

Quando falamos na relação de memória e fotografía inevitavelmente também estamos falando sobre lembrança e esquecimento. Acostumamos a depender da fotografía para rememorar e quase não há mais uma memória dita como "espontânea",

mas sim uma memória que é lembrada e usada como rememoração. A fotografía auxilia nessa ação, pois é ela quem causa esse exercício de "voltar no tempo". Olhamos uma foto e lembramos do moletom do Piu Piu e Frajola de quando tínhamos 14 anos, ou daquela antiga geladeira vermelha que ficava na cozinha, entre tantas outras lembranças. Pierre Nora nos fala dessa memória na fotografía, "... não existe mais o homem-memória, em si mesmo, mas um lugar de memória" (NORA, 1993, p. 21).

Nota-se que a fotografía atrelada a esse lugar de memória está também ligada a questão do afeto, o que Kossoy (2007, p. 160) vai chamar de imagens-relicário, essa fotografía que nos faz sentir em casa e que provoca naquele que vê um elo afetivo. Esse sentimento está ligado a lembrança e surge desse lugar nomeado memória. Por exemplo, ao reconhecer na foto a jabuticabeira como sendo a mesma que tem no quintal de casa, é reconhecer muito mais que uma jabuticabeira qualquer, mas é aquela que tem relação emotiva e afetiva com sua memória e sua história. Percebe-se, então, como a fotografía puxa esse gatilho na memória e provoca uma rememoração vinda com um disparo de sentimentos e emoções.

Lembro que no início dessa pesquisa eu passava muito tempo vendo as fotografías que tem em casa e confesso que até decorei o lugar de cada foto. Olhava álbum por álbum e foto por foto. Sentia muita coisa e às vezes sem perceber estava rindo ou então com a face molhada. Recordava-me de momentos passados a partir daquelas fotos, por vezes ficava até na dúvida se eu realmente lembrava daquele momento que estava ali registrado ou se era aquela imagem criando uma memória que era pra ser minha; um lembrar e esquecer constante. Foi então que percebi que isso talvez pudesse ajudar a minha avó com essa ação de ver fotografías antigas e assim essa pesquisa ser muito mais que ajudar ela a não esquecer de mim e da minha família, mas fazê-la lembrar-se dela, de quem ela foi, de quem ela ainda é e de todos aqueles que de alguma forma possuem uma ligação afetiva com ela. Usar a fotografía não apenas como objeto que provoca uma lembrança e retorno ao passado, mas como algo que cause uma progressão favorável à memória da avó Alice.

3.1 ÁLBUM DE FAMÍLIA COMO LIVRO OBJETO

A fotografía desde o seu surgimento e ao longo dos anos tem possibilitado que toda família possa se transformar num objeto-imagem: fotos 3x4, convites de formatura, datas comemorativas como batizados, casamentos e aniversários. Com esses objetos-imagens as famílias começaram a reuni-los e a criar um acervo familiar próprio, contendo fotos de cada membro da família e que, de alguma forma, contam sua história. Há ainda aqueles que tiveram a condição de possuir uma câmera fotográfica e com isso o tamanho desse acervo é muito maior do que de outros, carregado de fotografías não só com fotos 3x4 e de aniversários, mas mais do que isso, com registros do cotidiano e da vida.

Tempos atrás, um fator externo responsável por influenciar na compra de uma câmera fotográfica foi as propagandas, sobretudo da marca Kodak. Seus comerciais reforçavam a importância de registrar os momentos em família e frases como "Conte sua história. Conte com Kodak" ou "Kodak, cada momento um grande acontecimento", propagandas que contavam com imagens de uma família feliz e unida, e que portanto, causaram uma repercussão positiva. Há sobretudo a necessidade de se confirmar uma experiência vivida por meio da fotografia e que segundo Sontag (2002, p.19), isso é fruto de um consumismo estético estimulado pelas sociedades industriais e que transformou os cidadãos em dependentes de imagens. A autora também diz sobre essas fotografias de família representarem uma realidade maquiada, pois eram fotografados de modo que aquilo que fosse visto caracterizasse como uma família perfeita. Segundo Sontag:

Por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma — um conjunto portátil de imagens que dá testemunho da sua coesão. Pouco importam as atividades fotografadas, contanto que as fotos sejam tiradas e estimadas. A fotografía se torna um rito da vida em família exatamente quando, nos países em industrialização na Europa e na América, a própria instituição da família começa a sofrer uma reformulação radical. Ao mesmo tempo que essa unidade claustrofóbica, a família nuclear, era talhada de um

bloco familiar muito maior, a fotografía se desenvolvia para celebrar, e reafirmar simbolicamente, a continuidade ameaçada e a decrescente amplitude da vida familiar. (SONTAG, 2004, p. 11).

O cotidiano, presente nas fotos, geralmente é possível de ser narrado por alguém que compõe aquele núcleo familiar, mesmo que de forma não linear. Nos registros que constituem esse acervo familiar estão quase sempre aquilo que se deseja lembrar e é esse um dos motivos da existência dessas fotografías: feitas para serem guardadas como uma espécie de arquivo. Nota-se, portanto, um tipo de ritual acerca do álbum de família - olhar o álbum e mostra-lo para alguém - como um culto familiar que às vezes é solitário e às vezes é dividido com todos da família, conduzido por emoções e sentimentos provocados por essas fotos. Kossoy (2012, p. 112) em relação às fotografías nos álbuns diz que: "Estamos envolvidos afetivamente com os conteúdos dessas imagens; elas nos dizem respeito e nos mostram como éramos, como eram nossos familiares e amigos".

Quando um álbum de família - chamo de álbum de família o conjunto de fotos, postas em determinado material, de um grupo ligado por laços afetivos e acervos fotográficos desse mesmo grupo - é revisitado, aquele que realiza tal ação é envolvido pela rememoração. Recorda-se de momentos passados, como se tirasse pouco a pouco uma lembrança de dentro da memória, como afirma Michel de Oliveira (2016, p. 63): "Recordar é como desenovelar os fios de uma meada. A tessitura rememorativa é feita de vários fios que se entrelaçam e se entrecruzam, por vezes desenrolando de forma linear, outras vezes esbarrando em nós que põe a memória à prova."

Outra característica sobre o álbum é o fato dele ser feito para ser falado, contado, narrado. Conforme Armando Silva (2008, p.38) "o álbum é a foto apenas pela metade, a outra metade se deve a quem o coleciona e o conta.". Não possui uma temporalidade cronológica, mas sim uma temporalidade afetiva. Essas fotos que estão nos álbuns vão ganhando sentidos por aqueles que narram a história, criando assim uma relação íntima e que altera essa percepção da temporalidade misturando lembranças, fatos e ficção.

Ainda segunda Silva:

Quando a família abre o álbum para contá-lo, reinstala ali mesmo seu imaginário de eternidade, evocando o tempo passado em um presente contínuo; como se estivesse ocorrendo agora, sem intervalo entre o antes e o presente. Quando o fecha, retorna à máxima irrevogável e à única verdade possível: todo o tempo passado está perdido para sempre (SILVA, 2008, p. 39).

No início deste ano a vó Alice esteve em casa. Já era tarde da noite e nós acabamos por pegar alguns álbuns para mostrar à ela. A ação quem fez foi minha mãe, eu fiquei sentada ao seu lado para melhor perceber quais seriam suas reações. Ela, igual eu no início da pesquisa, olhava álbum por álbum e foto por foto. Com calma e atenta aos detalhes. Usava o seu dedo indicador para apontar e fazer perguntas do tipo: "Como chama mesmo essa menina?", ou exclamar espontaneamente: "Nossa olha a gente na roça", "Eu lembro desse dia", "Larissa você era tão pequenininha", "Olha eu!". De imediato percebi que fazer um álbum para ela causaria, de alguma forma, um efeito positivo em sua memória.



Figura 13: Fotografía da minha avó olhando um álbum de fotografía, fevereiro de 2020 **Fonte:** Inês Oliveira (minha mãe)

Paralelo ao álbum de fotografía, vamos falar sobre livro de artista e livro objeto. Vale esclarecer, desde já, que o livro de artista não é um livro pessoal de um artista e também não é um livro de artes, mas é o livro como objeto artístico. Teve seu surgimento datado por volta da década de 60, quando os artistas começaram a buscar novas formas de interagir com o universo da arte rompendo com as barreiras que as galerias criavam em relação às exibições e acessos. Em uma entrevista concedida a rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Paulo Silveira diz:

É o livro em que o artista é o autor, mas o que significa essa autoria? É uma autoria de conteúdo ou autoria na conformação de um livro, autoria na elaboração de uma forma específica? Isso faz com que o livro de artista tenha múltiplas formas, desde um livro puramente textual até um livro escultórico, um livro objeto, um livro de parede e toda essa gama de produtos são estudados pelas artes. (SILVEIRA, 2016)

Pode-se dizer que o livro de artista não possui uma forma fixa e nem um limite, mas que ele excede os padrões funcionais de "livro", explora a sua visualidade, tatilidade e espacialidade. É visto como um suporte artístico por ele mesmo, sendo um espaço de livre experimentação e criação; um objeto que se relaciona com aquele que vê, não sendo apenas um objeto de contemplação mas mais do que isso, lê-se sua plasticidade. De acordo com Paulo Silveira "nem todo livro de artista é um livro-objeto, mas certamente todo livro objeto é um livro de artista" (SILVEIRA, 2008, p.77).

Nos livros de artista as imagens não são um suplemento do texto, mas fazem parte do texto, por vezes, são o que há de texto, criando uma escrita visual. Para Paulo Silveira (2013), todo livro fotográfico é também um livro de artista, partindo do principio que todo fotógrafo é um artista e um comunicador. Neste caso é preciso pensar a fotografía como integrante de um processo de linguagens que compõem um livro, sendo este livro parte de um tecido maior, constituído por páginas, imagens, narrativas e o próprio ato de folhear. Mas se caso essas fotografías fazem parte ou têm função de

catálogo e portfólio, a classificação se altera.

A ideia de criar um álbum de fotografía como um livro objeto, que se enquadra as características de livro de artista, partiu da insegurança sobre o formato um tanto quanto restrito que compreende os álbuns de fotografía clássicos e comumente conhecidos. Notamos que aquilo que faria a minha vó trabalhar a sua memória deveria ser mais completo, divergente e múltiplo. A foto como parte de um álbum de fotografía, que é dono de uma narrativa dita como cronológica, não seria suficiente para contar a história da minha família à minha vó, doente de Alzheimer. Os estímulos de memória e afeto precisariam ser causados por outros elementos que complementassem a fotografía. Foi assim, então, que pensamos o álbum de fotografía como livro objeto levando em consideração as suas características inerentes e suas possibilidades de motivar o tato, olfato, visão, memória, entre outros.

Considerar o álbum de fotografia como um livro objeto que vai estar na casa da vó Alice para que ela desfrute dele de todas as formas possíveis. Simbolicamente, é isso o que o álbum muitas vezes significa e revela na casa das famílias: um objeto familiar e único.

3.2 FOTOBIOGRAFIA

A fotobiografia foi decisiva para que criássemos a narrativa do livro objeto. Segundo Fabiana Bruno (2006, p. 08): "a fotobiografia é a tentativa de descobrir e desvendar os fragmentos de uma pessoa". O estudo acerca da fotobiografia considera a imagem não só como um objeto visual, mas mais do que isso, como um acontecimento que une o verbal e visual, permitindo a criação de uma cronologia visual de imagens e palavras que dependem um do outro para reverberar sentido. Fabiana Bruno vai dizer que:

[...] o termo fotobiografia é empregado para remeter a um conceito alinhado a narrativas humanas, e que por sua vez, movimenta-se para além da utilização unicamente descritiva ou ilustrativa da imagem fotográfica, nos convidando a pensar na existência de histórias visuais, que têm como origem camadas de significações, quer seja de memórias, de imaginação, quer sejam de

descobertas imagéticas. Uma espécie de arqueologia visual de histórias de vida. (BRUNO, 2006, p. 02)

De acordo com o *Manifesto da Fotobiografia* (MORA e NORI, 1983), a fotografia se tornou "amplificadora de existência" e uma "ponte entre o passado e o presente e o contexto do momento fotograficamente imobilizado". Pensando, então, a fotografia como material, além da representação de uma vida é também a escolha e o modo de contar sobre essa vida, pois revela não só memórias pessoais como coletivas. Notamos como a fotobiografia é aliada e/ou criadora de uma narrativa visual, capaz de nos mostrar detalhes exclusivos de um cotidiano e de uma vida.

Segundo Mariana Meirelles (2016, p.03), "a fotobiografía é vista como um território epifânico, revelador de existências, desencadeadora de reflexões e narrativas sobre a vida e cultura dos sujeitos e de seus respectivos contextos". É como se a fotobiografía se tornasse, ainda segundo Mariana Meirelles (2016), uma fonte autorreferencial, que revela uma história e um contexto, pouco a pouco, de modo esclarecedor e íntimo.

Esse livro objeto tem sua origem muito mais ligada ao medo do que qualquer outra coisa. Um medo particular meu, da vó Alice se esquecer dela, de mim ou da minha família. Criar um livro objeto com características de um álbum de fotografia e caráter fotobiográfico está ligado com a minha intenção de profundidade no que diz respeito a memória. O livro objeto poderia ser somente um álbum fotográfico, por exemplo, e até tentamos que fosse. Mas chegamos a conclusão que faltava algo, o álbum por si só não era suficiente e não causava o impacto visual devido, quem dirá à vó Alice. Foi então que compreendemos o papel fundamental da fotobiografia. Parte daquilo que a lente de uma câmera não foi capaz de captar ou que não diz tanto, poderia de alguma forma ser completado pela escrita, já que ela é capaz de não só acrescentar informações e dados para um registro fotográfico e uma história contada, mas é também capaz de abrir uma imagem, como se estivesse fazendo uma descamação da fotografia,

comunicando e informando tudo que pode ou o máximo que pode para aquele que vê.

Nessa combinação, do visual e do verbal, que diz respeito a fotobiografia, tomamos cuidado quanto a seleção de tudo aquilo que estaria presente no livro objeto, uma preocupação diante da narrativa a ser criada. O que fizemos, então, foi elaborar uma montagem pensando que ela viria a se tornar não só uma arqueologia, mas um tipo de gaveta organizada na casa de vó. Segundo Fabiana Bruno:

"O que, então, será essencial observar é, a maneira como se dará a montagem - ora através de imagens, ora de palavras ou de ambas – e o modo cognitivo e a dimensão estética de cada um desses suportes oferecidos em "termos" e "figuras" de eclosão, construção e configuração dessas "histórias de vida". (BRUNO, 2010, p. 05)

No próximo capítulo vamos falar sobre a criação do álbum de fotografia como o livro objeto. O nosso percurso até aqui, principalmente nessa parte teórica, foi mostrar tudo aquilo que está por trás desse produto. O porquê de algumas escolhas, o esclarecimento de outras e principalmente, a nossa intenção com esse produto.

4. CRIANDO UM ÁLBUM DE FOTOGRAFIA COMO LIVRO OBJETO

Ao iniciar essa pesquisa, o formato do produto final ainda era incerto. Estávamos em dúvida se ele seria uma produção audiovisual, um ensaio fotográfico, uma monografia ou outro tipo. Foi somente no decorrer da pesquisa que decidimos pelo livro objeto em formato de álbum de fotografia. Ao elaborar um primeiro esboço, uma boneca do produto final, deparamos com diversas questões que nos fizeram repensar sobre as escolhas referentes ao produto, o que realmente havia funcionado e aquilo que deveria ser deixado de lado. Essa primeira boneca foi crucial para enxergarmos e estabelecermos algumas decisões, como por exemplo, o tamanho do papel a ser usado, as dimensões das fotografias, a linguagem visual, a linguagem verbal, encadernação, fontes, símbolos, entre outros. Foi também com essa boneca que compreendemos a necessidade que as fotografias ali expostas tinham de serem complementadas com palavras, uma espécie de legenda para que avó Alice compreendesse aquilo que está ali exposto.

O processo de pesquisa e criação estruturou-se em oito partes sendo elas:

- Ideia
- Curadoria das fotos que há em casa
- Pesquisa teórica
- Observação e convivência com minha avó
- Elaboração da narrativa visual no formato digital
- Revelação das fotografias
- Montagem do produto físico
- Finalização

Nesse processo, a etapa mais demorada de realizar foi a curadoria das fotos. Sempre que possível eu olhava os álbuns de fotografía que há em casa com o objetivo de complementar a narrativa visual que já estava sendo produzida, e isso se estendeu por algum tempo. Não só porque as fotos são muitas, mas pelo fato de que nesse

momento em específico eu conversei muito com meus familiares para ouvir histórias acerca de determinadas fotos, pois queria provocar também neles a rememoração e então perceber se determinada fotografia era realmente significativa para estar presente ou não no produto final. Foi uma etapa de muita nostalgia e saudade.



Figura 14: Caixa de fotos Fonte: Larissa Helena



Figura 15: Montagem Fonte: Larissa Helena

4.1 ESTRUTURA E MATERIALIDADE

A estrutura e a materialidade deste álbum foram pensadas de modo que melhor se adequassem a condição da minha avó, desde o tipo de papel até a escolha das fotografias. De início precisávamos pensar em um álbum que fosse diferente daquele dito como "tradicional", pois era preciso que ele conseguisse contar uma história ao mesmo tempo que provocasse a rememoração e também fosse confortável de segurar, folhear e ver.

Assim sendo, estabelecemos algumas características que moldaram a personalidade desse livro objeto em formato de álbum. A escolha pelo o uso do papel 30x30cm foi para que o tamanho e as páginas do álbum ficassem confortáveis para que a avó Alice consiga segurar, manusear e não o perca pelas mãos. Este também é o tamanho normalmente utilizado nas criações de scrapbook, visto que ele possui uma grande área livre para criação, desde colagens a escritos, diferentemente de álbuns 10x15 ou folhas tamanho A4. Assim, com esse espaço livre, foi possível usar diferentes formatos na colagem das fotografías sem precisar seguir um padrão único. Outra característica sobre a materialidade do papel é sua gramatura de 180g, de forma que esse papel utilizado fosse firme o suficiente para aguentar as fotografías e também resistir a dobras e amassados que possivelmente surgirá com o tempo.



Figura 16: Álbum Fonte: Larissa Helena

A narrativa visual presente no álbum segue uma ordem cronológica da história da minha família. Mas antes dela começar, a primeira coisa que se vê são fotos em formato 3x4 de nós familiares - eu, meus pais, irmãs, tios, primos, tias avós e bisavós - com a intenção de introduzir para minha avó o rosto de todos nós de modo que afete a sua memória e ela consiga não só rememorar dessas pessoas mas também estabelecer uma ponte com o que ainda virá a ser mostrado nas próximas páginas.



Figura 17: fotos 3x4 Fonte: Larissa Helena

Após isso, a narrativa inicia-se mostrando os meus pais com fotografías deles solteiros, namorando e até o dia do casamento. Em seguida, o nascimento da minha irmã mais velha, Amanda, depois o meu e por fim a minha irmã mais nova, Livia. Assim a narrativa segue uma linha cronológica até os dias atuais e que é representado por fotografías ditas como antigas e atuais.



Figura 18: Casamento dos meus pais

Fonte: Larissa Helena



Figura 19: Dias atuais Fonte: Larissa Helena

Diferentemente da primeira boneca, nesse produto final foi acrescentado dados e legendas que complementam as informações para minha avó, como o nome daquele que está na foto, data e até o que foi fotografado. Por exemplo, as fotografías da Folia de Reis que tiveram uma legenda dizendo "Folia de Reis", e que pode até parecer bobo ou irrelevante para quem vê, mas para avó Alice pode ser essencial para a rememoração desse acontecimento. Atado a isso, outro recurso visual presente no álbum foi a

presença de certidões de nascimento e certidão de casamento distribuídas em algumas páginas e imersas na narrativa, de maneira que agregassem mais informações para que minha avó lembre daquele assunto.



Figura 20: Foto e legenda Folia de Reis

Fonte: Larissa Helena

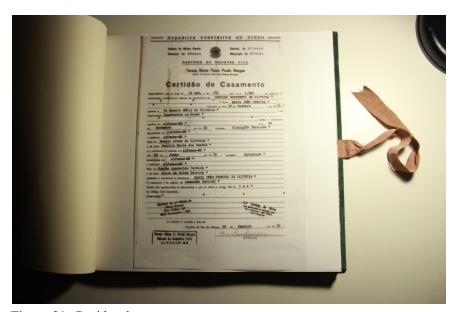


Figura 21: Certidão de casamento

Fonte: Larissa Helena

Ainda um outro recurso visual presente no álbum é o marcador de páginas que foi inspirado naquelas "capinhas" de guardar foto 3x4 e que contém fotografías de cada

membro da família e seus respectivos nomes, além disso, é num formato sanfona, ou seja, as fotografías estão coladas umas nas outras e assim não há o perigo da avó Alice perder. Ele é possível de ser aberto e tocado em qualquer momento de visualização do álbum, visto que ele é móvel e sustentado por uma fita.



Figura 22: marcador de página

Fonte: Larissa Helena



Figura 23: marcador de página formato sanfona

Fonte: Larissa Helena

Além dessas características há outras submersas no álbum e que possuem particularidades afetivas e sensitivas, como por exemplo, em algumas páginas pode-se sentir um aroma de café, posto ali em razão da avó Alice ter, para mim, esse cheiro e

também por ser esse o cheiro que sinto quando vou a casa dela. Outra característica é a cor da capa ser verde, pois esta é a cor favorita da minha avó e que ela sempre faz questão de dizer ou comentar a respeito caso alguém perto dela esteja vestindo algo nessa cor. A capa também é feita em um tecido aveludado com a intenção de aguçar os sentidos da avó Alice, sua tatialidade.



Figura 24: capa verde musgo Fonte: Larissa Helena



Figura 25: folha manchada com café

Fonte: Larissa Helena

Um outro aspecto é a capa interna que possui o desenho de uma cebolinha. Minha avó, apesar do Alzheimer, toda vez que me vê lembra de um momento típico da minha infância, em que eu enfiava a cabeça na janela da cozinha e gritava alto pra ela: "Vovó, sem ceboinha". Naquela idade além de falar errado eu não gostava de quando a comida tinha muita cebolinha. Ainda hoje, quase 20 anos depois, sempre que estamos juntas ela conta essa história, da gargalhada e diz que tem saudade daquela época. E eu aprendi, devido a ela, a gostar de cebolinha na comida.



Figura 26: desenho cebolinha Fonte: Larissa Helena

Por fim, nas últimas páginas do álbum há um envelope contendo cinco cartas escritas por cada um da minha família - eu, minha mãe, meu pai e minhas duas irmãs - e nelas contamos sobre quem somos hoje, o que fazemos, onde moramos e coisas do tipo. A intenção com essas cartas é de conseguir trazer para a minha avó a nossa realidade de hoje, de quem somos, independentemente dela conseguir guardar essa lembrança só por alguns minutos. Cuidar de alguém com Alzheimer nos faz aprender a contar a mesma histórias diversas vezes, a repetir a mesma frase até cansar e de dizer quem é você a cada duas horas e mesmo assim continuarei dizendo pra avó Alice quem sou eu, de

todos os jeitos possíveis e quantas vezes forem preciso.



Figura 27: envelope com cartas Fonte: Larissa Helena

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao correlacionar memória, Alzheimer, fotobiografía, livro objeto e álbum de fotografía, permitiu-se que essa pesquisa navegasse em diversos campos do conhecimento, o que acabou por promover uma nova perspectiva e experimento desses assuntos. Após procurar os modos que a comunicação já há havia trabalhado com a doença e então encontrar desde ações publicitárias até ensaios fotográficos, percebemos a necessidade de elaborar algo novo e a importância de pensar uma narrativa que fosse especial para integrar esse produto tão específico. Por isso, optamos por tecer uma narrativa fotográfica que conduz à rememoração da avó Alice e que ela fosse disposta em um livro objeto com formato de álbum de fotografía.

A nossa escolha por essa narrativa fotográfica deu-se desde quando a pesquisa percorreu os estudos de Proust, Sontag e Kossoy, pois falam da força e união entre fotografia e memória e foi isso que nos chamou atenção, a questão da memória tão entrelaçada a fotografia. Assim, notamos que a fotografia seria capaz de afetar positivamente o Alzheimer da minha avó, com o ato de recordar de algumas pessoas e momentos. Ainda nesse contexto, adentramos na questão da fotobiografia, conduzidos pelos estudos da Fabiana Bruno e assim polimos a narrativa de modo que ela respeitasse a questão da velhice e combinasse afeto e informação.

Para realizar este trabalho foi inevitável que não me envolvesse emocionalmente. Embora eu tenha aprendido a enxergar o Alzheimer em outras situações, diferente do que eu vivencio com a minha avó e abrir os meus olhos para as inúmeras possibilidades de lidar com a doença, ainda assim, o Alzheimer continua com a sua característica de ser uma doença ingrata para a pessoa que tem e para os que a amam.

Por fim, analisando o caminho percorrido até chegar ao produto final, concluo que conseguimos realizar algo bonito, singular e com ramificações que se distribuem no campo da comunicação, saúde e artes visuais. A fotografía num papel cativante que comunica e desperta a memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A SEPARAÇÃO. Direção de Asghar Farhadi. Roteiro: Asghar Farhadi. Irã, 2012. (123 min.), son., color. Legendado.

A VIAGEM do meu pai. Direção de Philippe Le Guay. França, 2016. (110 min.), son., color. Legendado.

ALZHEIMER'S ASSOCIATION (Chicago). **Our Commitment to Research**. Disponível em:

https://www.alz.org/alzheimers-dementia/research_progress/our_commitmen>.

Acesso em: 14 set. 2019.

ALZHEIMER na periferia. Direção de Albert Klinke. São Paulo: Malabar Filmes, 2018. (102 min.), son., color. Legendado.

AS EXISTÊNCIAS da narrativa no livro de artista. Orientador: Prof. Dr. Helio Fervenza. 2008. 321 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FAMILIARES E AMIGOS DOS DOENTES DE ALZHEIMER (Portugal) (Org.). **O que é demência?** Disponível em: http://alzheimerportugal.org/pt/text-0-9-32-18-o-que-e-a-demencia>. Acesso em: 10 set. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALZHEIMER (Brasil) (Org.). **O que é Alzheimer?** Disponível em: http://abraz.org.br/web/sobre-alzheimer/o-que-e-alzheimer/>. Acesso em: 14 set. 2019.

BARNES, Julian. O sentido de um fim. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012. 130p.

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENTO, Sérgio Cabral. O entre-lugar do livro de artista: a dialética morte-vida na fetichização do livro enquanto suporte. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA

ABRALIC, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2008, São Paulo. **Tessituras, Interações, Convergências.** São Paulo: Usp, 2008. p. 1-5. Disponível em:

http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/027/SERGIO_CABRAL.pdf. Acesso em: 09 abr. 2020.

BUCCI, Eugênio. **Álbum de Família: meu pai, meus irmãos e o tempo.** In: Mammi Lorenzo & Schwarcz Lilia Moritz (orgs.): 8 X fotografia: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BRASIL. Onu. Organização das Nações Unidas (Org.). Sistemas de saúde devem encontrar estratégias eficazes para resolver os problemas enfrentados pela população mundial mais envelhecida, evitando a perda de qualidade de vida, alertou a Organização Mundial da Saúde. 2014. Disponível em:

https://nacoesunidas.org/mundo-tera-2-bilhoes-de-idosos-em-2050-oms-diz-que-envel-hecer-bem-deve-ser-prioridade-global//. Acesso em: 05 set. 2019.

BRITO, Tayná S. de; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **Longe dela (Away from her, 2006).** 2014. Disponível em:

https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/longe-dela-away-from-her-2006/>.

Acesso em: 25 set. 2019.

BRUM, Eliane. **O olho da rua:** uma repórter em busca da literatura da vida real. 2. ed. Porto Alegre: Aquipélago Editorial, 2017. 373 p.

BRUNO, Fabiana. **Fotobiografia:** Por uma metodologia da estética em antropologia. 2009. 738 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Visual, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

BRUNO, F. Fotobiografia: por uma metodologia da estética em antropologia. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 18, n. 1, p. 27-45, 12 fev. 2010.

BRUNO, Fabiana. Fotobiografía: uma proposta antropológica e estética. Revista

Espaço Acadêmico, Campinas, v. 163, n. 15, p. 1-12, dez. 2014.

CADÔR, Amir Brito. **Enciclopedismo em Livros de Artista: um manual de construção da Enciclopédia Visua**. 2012. 587 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CAMPANHA mostra como portadores de Alzheimer enxergam seus entes queridos. 2014. Disponível em:

heimer-enxergam-seus-entes-queridos>. Acesso em: 25 set. 2019.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

CORREIA, Cléo Monteiro França. **Funções musicais, memória musical-emocional e volume amigdaliano na doença de Alzheimer.** 2010. 179 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2010.

CRIADO, Miguel Ángel. **A doença de Alzheimer não pode com a música:** A área do cérebro que abriga as memórias musicais é menos danificada pela doença. 2015. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/23/ciencia/1435064927_042235.html>. Acesso em: 20 set. 2019.

DIÁRIO de uma paixão. Direção de Nick Cassavetes. Estados Unidos: New Line Cinema, 2004. Son., color. Legendado.

FALZONE, Susan. Grace. 2010. Disponível em:

https://visura.co/susanfalzone/stories/grace>. Acesso em: 30 set. 2019

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2014.

FERIANI, Daniela Moreno. **Entre sopros e assombros:** Estética e experiência na doença de Alzheimer. 2017. 316 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em:

http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/324984/1/Feriani_DanielaMoreno_
D.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

FOTÓGRAFA capta o cotidiano da tia com Alzheimer em série emocionante. 2014. Disponível em:

https://www.hypeness.com.br/2014/04/fotografo-capta-o-cotidiano-da-tia-com-alzhei mer-em-serie-sombria-e-emocionante/>. Acesso em: 25 set. 2019.

IRIS. Direção de Richard Eyre. Reino Unido, 2001. (91 min.), son., color. Legendado.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LIBERTI, Domenico. **Faceless:** Alzheimer's awareness campaign. 2013. Disponível em:

http://cargocollective.com/domenicoliberti/filter/graphic-design/Faceless-Alzheimer-s-awareness-campaign. Acesso em: 27 set. 2019.

LÍBERO (Espanha). **Fútbol vs Alzheimer.** 2015. Disponível em: http://futbolvsalzheimer.revistalibero.com/#home>. Acesso em: 27 set. 2019.

LONGE dela. Direção de Sarah Polley. Produção de Atom Egoyan. Canadá: Lionsgate Films., 2016. (110 min.), son., color. Legendado.

MACEDO, Ricardo. Aula, conceito e definição. Ouro Preto. 2020. 76 slides

MANINI, Miriam Paula. Acervos audiovisuais em Brasília: imagem, memória e informação. In: INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: DO DOCUMENTO ÀS REDES, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2015, João Pessoa. **GT 10 – Informação e Memória Comunicação Oral.** João Pessoa: UFPB, 2015. p. 1-13.

MAX PLANCK (Alemanha). Alzheimer's spares long-term musical memory. 2015.

Disponível em:

https://www.mpg.de/9281090/alzheimers-long-term-musical-memory. Acesso em: 20 set. 2019.

MEIRELES, Mariana Martins de. "TERRITÓRIO EPIFÂNICO": FOTOBIOGRAFIA ESCOLAR - DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2016, Cuiabá. **Território epifânico.** Cuiabá: Vii Congresso Internacional de Pesquisa (auto)biográfica, 2016. p. 1-12.

NAPEL, Alex Ten. **ALZHEIMER.** 1996. Disponível em:

https://www.alextennapel.nl/portraits-of-alzheimer-patients. Acesso em: 03 mar. 2020.

NETTO, Duarte Amaral. **Do que nos lembramos quando nos lembramos de nós?** 2013. Disponível em:

http://www.duartenetto.com/exhibition/#do-que-nos-lembramos-quando-nos-lembramos-

NORA, Pierre. Entre memórias e história: a problemática dos lugares. **Projeto História 10**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

O FILHO da noiva. Direção de Juan José Campanella. Argentina, 2002. Son., color. Legendado.

PARA Sempre Alice: o alerta da ABRAz para a Doença de Alzheimer. Realização de Abraz - Associação Brasileira de Alzheimer. São Paulo: Diamond Films, 2015. Son., color. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=QHKM3KCI4cM&feature=emb_title. Acesso em: 21 set. 2019.

PARA sempre Alice. Direção de Wash Westmoreland e Richard Glatzer. Estados Unidos: Sony Pictures Classics, 2015. (101 min.), son., color. Legendado

PAULO Silveira. Direção: Fernanda G. Produção: Fernanda G. Porto Alegre: [s. n.], 2013. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=GBFBOOjUg1E&t=20s>Acesso em: 8 jul. 2020.

POMERANZ, Cristiane. **Arteterapia como intervenção na doença de Alzheimer.** 2017. Disponível em:

https://vovonilva.com.br/arteterapia-como-intervencao-na-doenca-de-alzheimer/>.

Acesso em: 20 set. 2019.

_____. Arteterapia: nova postura perante o Alzheimer. 2018. Disponível em:

https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/arteterapia-nova-postura-perante-o-alzhei mer//>. Acesso em: 20 set. 2019.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido:** No Caminho de Swann. 4. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2016. 560 p.

SILVA, Armando. **Álbum de família.** A imagem de nós mesmos. São Paulo: Editora Senac, 2008.

SILVEIRA, Paulo. **Entrevista com Paulo Silveira.** QUADROS, M. S. . Entrevista para programa Folhetim, Rádio da Universidade, 13/8/2016. 2016. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/147815. Acesso em: 13 jul. 2020.

SILVEIRA, Paulo. **Palavra violada** [livro eletrônico]: da ternura a injúria na construção do livro de artista. Porto Alegre: Ed. Universitária UFRGR, 2008.

SEIXAS, Heloisa. **O lugar escuro:** Uma história de senilidade e loucura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SEYMOUR, Mark. **ALZHEIMERS.** 2015. Disponível em: https://www.markseymourphotography.co.uk/dementia/. Acesso em: 03 mar. 2020.

SILVA, Michel de Oliveira. **Saudades eternas: a fotografia no limiar entre a morte e a eternidade**. 2016. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

SONTAG, Susan, Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

SCHNEIDER, Wolfgang. Farhad. 2018. Disponível em:

https://www.adforum.com/talent/41504-wolfgang-schneider/work/34566130>. Acesso em: 27 set. 2019.

TUDO que tivemos. Direção de Elizabeth Chomko. Estados Unidos: Diamond Films, 2019. (101 min.), son., color. Legendado.

THE Wrong Movie. Direção de Carmit Ken-dror And Tal Riven. Realização de Emda — The Alzheimer's Association Of Israel. Israel: Hagi Ramti, 2012. Son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uecTU6pll3Q>. Acesso em: 20 set. 2019.



Figura 28: Vídeo chamada com a minha avó, mãe e tia, enfrentando a pandemia. Junho 2020. **Fonte:** Larissa Helena